

ACTAS DAS 2.^{as} JORNADAS
DE
CERÂMICA MEDIEVAL
E PÓS-MEDIEVAL

MÉTODOS E RESULTADOS PARA O SEU ESTUDO

TONDELA
(22 a 25 de Março de 1995)

Coordenação de João Manuel Diogo e Helder Chilra Abraços



CÂMARA MUNICIPAL DE TONDELA
1998



**ESTA EDIÇÃO BENEFICIOU DO PATROCÍNIO DO PROGRAMA LEADER II ATRAVÉS DA ADICES
E DO APOIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**

Título: Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo

Edição: Câmara Municipal de Tondela

Capa: *Soenga* (António M. Coimbra, Molelos, Tondela) – Fot. de Helder Abraços

Alpendre de António M. Coimbra, Molelos, Tondela – Fot. de Helder Abraços

Soenga: empilhamento da louça (António M. Coimbra, Molelos, Tondela) – Fot. de Helder Abraços

Execução gráfica: Edições Afrontamento / Rua Costa Cabral, 859 / Porto

Impressão: Rainho & Neves, Lda. / St.^a Maria da Feira

Depósito legal: 86855/95

Porto, Dezembro / 1998

Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão)

Mário Varela Gomes*

1. DESCOBERTA

O pequeno Museu Paroquial de Moncarapacho, reunido graças aos esforços do saudoso Pe. Isidoro Domingos da Silva e do Dr. José Fernandes Mascarenhas, guarda sete peças de cerâmica, dois pequenos cântaros e cinco alcatruzes, provenientes de um poço existente no sítio denominado Hortinhola, a cerca de 2Kms, a nascente, daquele centro urbano (fig. 1).

Um outro alcatruz, pertencente à coleção do Museu Regional de Lagos tem idêntica procedência e foi já dado a conhecer por A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira (1953, 133, est. IV-58).

Aqueles recipientes surgiram com restos de outros que não se guardaram, em 1942, aquando da limpeza do poço referido, conservando-se, como numerosos testemunhos arqueológicos, devido à benemérita acção do Dr.

José Fernandes Mascarenhas, que os menciona em diversos dos seus trabalhos (Mascarenhas, 1945, 2; 1967, 52, 53, 58-60).

O poço da Hortinhola, como é conhecido, ainda existe, apesar de parcialmente reconstruído na data acima indicada, tendo sido assinalado na «*Carta Arqueológica de Portugal*» (Marques, 1995, 87-89). Oferece forma cilíndrica e estreita, como é típico da maioria dos poços romanos e medievais que serviam tanto instalações urbanas como rurais (fig. 2).

Na Hortinhola parece ter existido pequena alcaria, ainda ali se encontrando fragmentos de cerâmicas medievais portuguesas. Não longe J. F. Mascarenhas (1967, 61) identificou alguns silos.

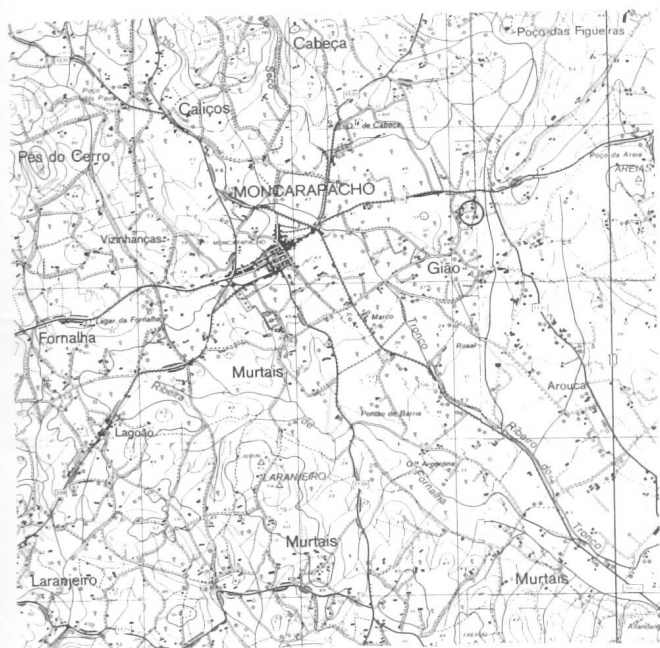


Fig. 1: Localização do poço da Hortinhola (Moncarapacho).

* Da Academia Portuguesa da História e Instituto Oriental da F.C.S.H. da U.N.L.



Fig. 2: Poço da Hortinhola, visto de norte (foto M.V.G., RIX/90-4).

2. CATÁLOGO

2.1. HORT.1 (M.P.M. 604)¹. Cântaro com duas asas. Oferece corpo de forma ovóide, achatada, assente em fundo ligeiramente convexo. O colo é alto, subcilíndrico e o bordo mostra lábio ligeiramente introvertido, com secção semicircular, sendo demarcado por uma incisão na parede exterior (fig. 3-A).

Duas asas opostas, verticais, ligeiramente sobrelevadas e com secção oval, ligam a base do bordo ao volume mesial do corpo.

Um cordão, pouco espesso e situado sobre a zona onde arrancam as asas, demarca o bordo. O início do colo foi assinalado através de uma incisão.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e alguns, calcários, de grão médio.

O núcleo das paredes é cor-de-laranja (10R5/6)² e as superfícies oferecem engobe de cor castanha avermelhada (10R4/6) a cinzenta (10R4/2).

O tipo de pasta é semelhante à de quatro dos alcatruzes que se descrevem adiante.

Mede 0.297m de altura, 0.110m de diâmetro no

1. Esta referência indica Museu Paroquial de Moncarapacho, mencionando-se o número de inventário da peça naquela instituição.

2. Os índices cromáticos referem-se à *Munsell Soil Color Charts* e, por isso, devem entender-se como aproximados.

bordo, 0.210m de diâmetro máximo, no corpo, e 0.115m de diâmetro no fundo.

As paredes têm 0.008m de espessura média e as asas apresentam 0.029m de largura por 0.011m de espessura máxima.

2.2. HORT.2 (M.P.M. 605). Cântaro com duas asas. Oferece corpo de forma ovóide, achatada, assente em fundo ligeiramente convexo. O colo é alto, subcilíndrico e o bordo é largo, espessado e extrovertido, com lábio em bisel (fig. 3-B).

Duas asas opostas, verticais, ligeiramente sobrelevadas, com secção côncava-convexa e os lados biselados, ligam a base do bordo, formando ângulo quase recto, com o volume mesial do corpo.

Uma incisão larga, sobre a parte superior das asas demarca o bordo do colo, observando-se uma outra, mais fina, na separação entre o colo e o corpo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio, assim como abundantes elementos grosseiros de quartzo leitoso.

O núcleo das paredes é cor-de-laranja (10R5/8) a cor castanha avermelhada (10R4/6). As superfícies são daquelas duas mesmas cores, embora se encontrem escurecidas e acinzentadas (10R4/4), devido a utilização ou às condições de jazida.

Mede 0.330m de altura, 0.109m de diâmetro no bordo, 0.240m de diâmetro máximo, no corpo, e 0.130m de diâmetro no fundo.

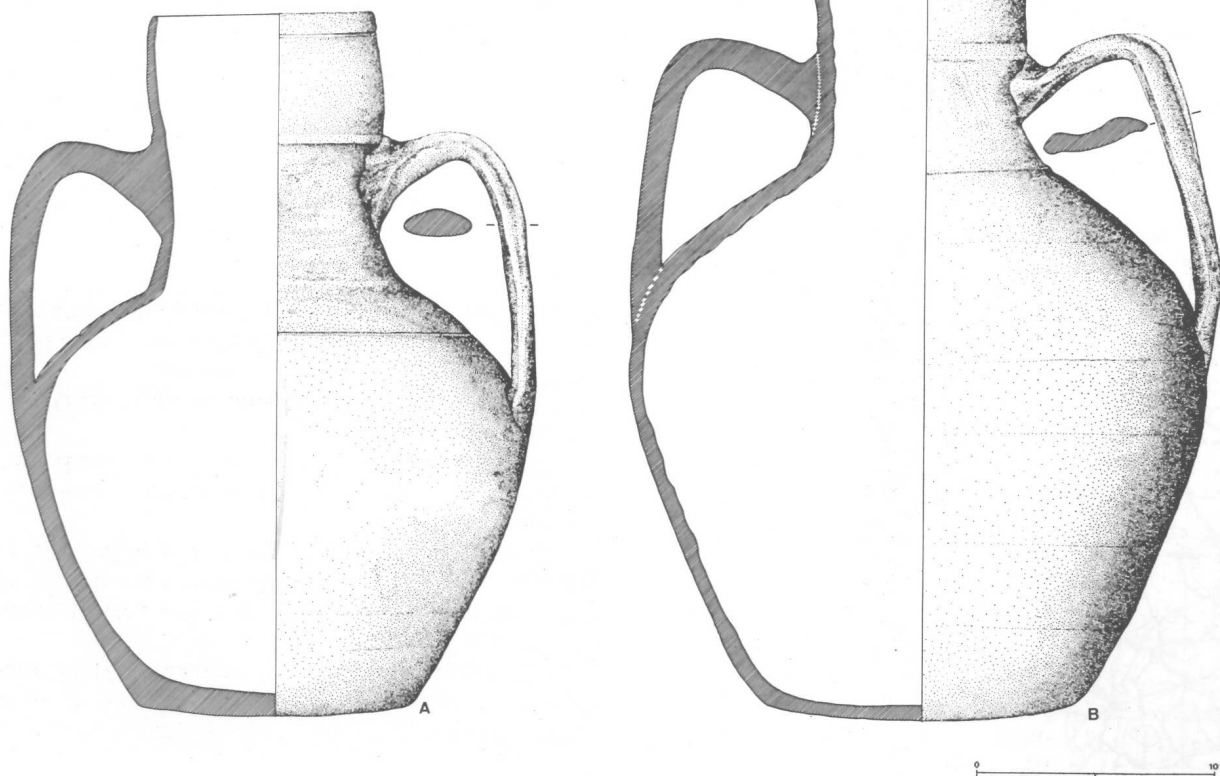


Fig. 3: Cântaros do poço da Hortinhola (des. de A. Machado).

As paredes têm 0.007m de espessura média e as asas apresentam 0.044m de largura por 0.008m de espessura.

2.3. HORT.3 (M.P.M. 424). Alcatruz. Oferece corpo com forma cilíndrica, sendo a extremidade proximal subcônica (fig. 4-A).

O bordo é ligeiramente inclinado para o interior e apresenta lábio com secção semicircular.

Mostra um estrangulamento sob o bordo e outro na união do corpo com o volume proximal.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e calcários, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é cor-de-laranja (10R5/8) a cor castanha avermelhada (10R4/6). As superfícies são desta última cor, embora se encontrem escurecidas, com manchas negras e acinzentadas (10R4/4), devidas tanto ao ambiente da cozedura como às condições de jazida.

Mede 0.252m de altura, 0.101m de diâmetro máximo, no corpo, e 0.105m de diâmetro no bordo. As paredes têm 0.005m de espessura média, sendo mais grossas no volume proximal.

2.4. HORT.4 (M.P.M. 425). Alcatruz. Oferece corpo com forma cilíndrica, sendo a extremidade proximal subcônica (fig. 4-B).

O bordo é ligeiramente inclinado para o interior e apresenta lábio com secção semicircular.

Mostra um estrangulamento sob o bordo e outro na união do corpo com o volume proximal.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e calcários, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é cor-de-laranja (10R5/8) a cor castanha avermelhada (10R4/6). As superfícies são desta última cor, embora se encontrem escurecidas com manchas negras e acinzentadas (10R4/4), devidas tanto ao ambiente da cozedura como às condições de jazida.

Mede 0.258m de altura, 0.090m de diâmetro máximo, no corpo, e 0.090m de diâmetro no bordo. As paredes têm 0.006m de espessura média, sendo mais grossas no volume proximal, onde se encontra fracturado.

2.5. HORT.5 (M.P.M. 426). Alcatruz. Oferece corpo com forma cilíndrica, sendo a extremidade proximal subcônica (fig. 4-C).

O bordo é vertical e apresenta lábio com secção semicircular.

Mostra um estrangulamento sob o bordo e outro na união do corpo com o volume proximal.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e calcários, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é cor-de-laranja (10R5/8) a cor castanha avermelhada (10R4/6). As superfícies são desta última cor, embora se encontrem escurecidas com manchas negras e acinzentadas (10R4/4), devidas tanto ao ambiente da cozedura como às condições de jazida.

Mede 0.263m de altura, 0.096m de diâmetro máximo, no corpo, e 0.101m de diâmetro no bordo. As paredes têm 0.006m de espessura média, sendo mais grossas no volume proximal.

Encontra-se fracturado na ligação do corpo com o volume proximal.

2.6. HORT.6 (M.P.M. 427). Alcatruz. Oferece corpo com forma cilíndrica, sendo a extremidade proximal subcônica (fig. 4-D).

O bordo é vertical e apresenta lábio com secção semicircular.

Mostra um estrangulamento sob o bordo e outro na união do corpo com o volume proximal.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e calcários, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é cor-de-laranja (10R5/8) a cor castanha avermelhada (10R4/6). As superfícies são desta última cor, embora se encontrem escurecidas com manchas negras e acinzentadas (10R4/4), devidas tanto ao ambiente da cozedura como às condições de jazida.

Mede 0.265m de altura, 0.093m de diâmetro máximo, no corpo, e 0.099m de diâmetro no bordo. As paredes têm 0.005m de espessura média, sendo mais grossas no volume proximal.

2.7. HORT.7 (M.R.L.)³. Alcatruz. Oferece corpo com forma cilíndrica, sendo a extremidade proximal subcônica, apontada (fig. 4-E).

O bordo é ligeiramente introvertido e apresenta lábio com secção semicircular.

Mostra um estrangulamento sob o bordo e outro na união do corpo com o volume proximal.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e calcários, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é de cor laranja (10R5/8) a cor castanha avermelhada (10R4/6). As superfícies são desta última cor, embora se encontrem escurecidas, devido tanto ao ambiente da cozedura como às condições de jazida.

Mede 0.243m de altura, 0.114m de diâmetro máximo, no corpo, e 0.097m de diâmetro no bordo. As paredes têm 0.008m de espessura média, sendo mais grossas no volume proximal.

Apresenta uma perfuração, cilíndrica, sensivelmente a meia altura do corpo.

2.8. HORT.8 (M.P.M. 428). Alcatruz. Fragmento, contendo parte do volume mesial e o volume proximal. Oferece corpo com forma cilíndrica e a extremidade proximal subcônica, com o topo achatado (fig. 4-F).

Mostra um estrangulamento na união do corpo com o volume proximal.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo das paredes e de cor bege amarelada (10YR7/3), mostrando as superfícies cor idêntica, assim como manchas cinzentas (10YR6/1), designadamente na extremidade proximal.

Mede 0.112m de diâmetro, no corpo, e as paredes têm 0.005m de espessura média, sendo mais grossas no volume proximal.

3. Esta referência indica Museu Regional de Lagos.

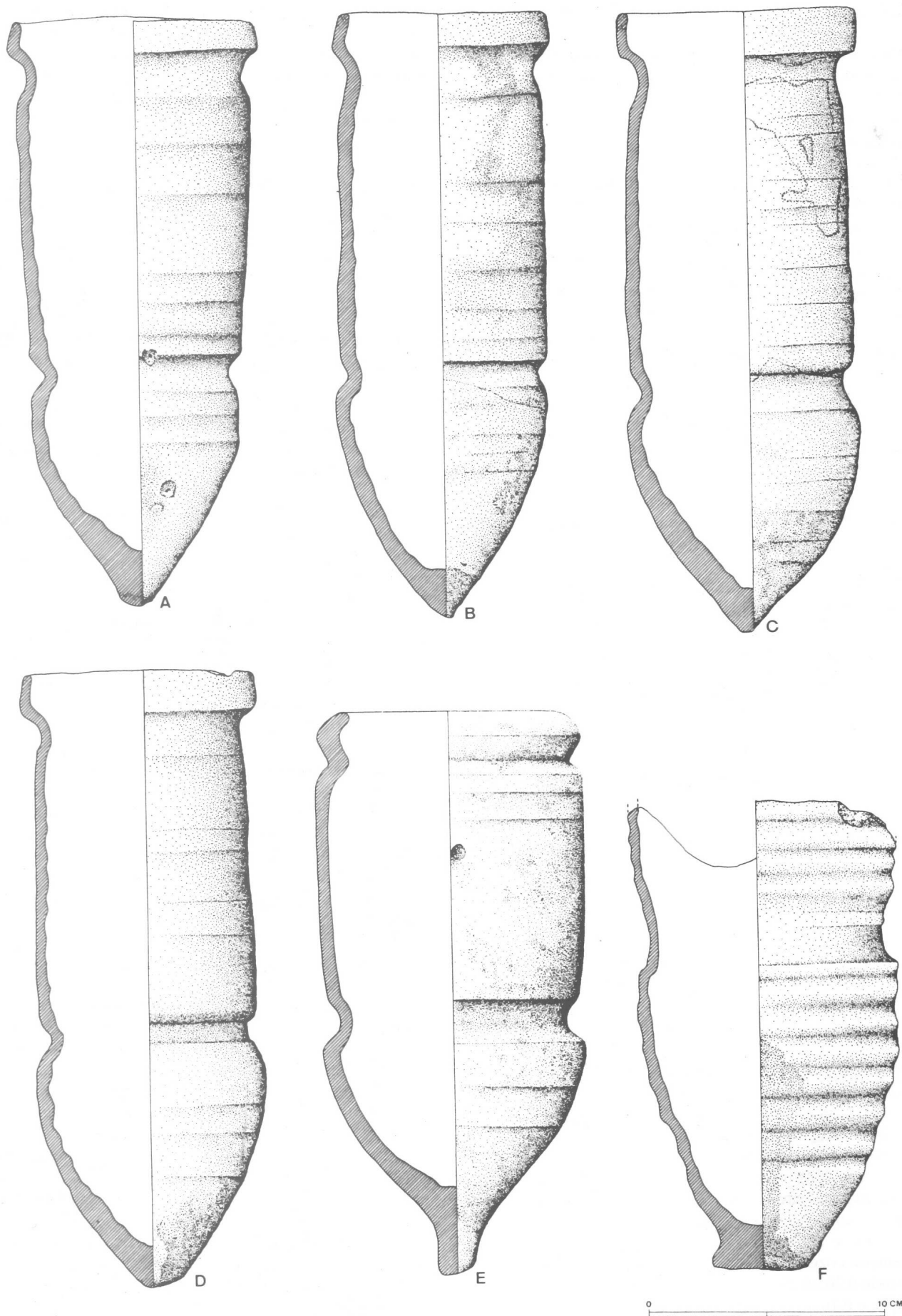


Fig. 4: Alcatruzes do poço da Hortinhola (des. de A. Machado).

3. ESTUDO COMPARADO E CONCLUSÕES

Os materiais agora publicados, embora destituídos de contexto arqueológico podem ser classificados, em termos cronológicos e culturais, através da caracterização morfo-técnica e de paralelos. Todavia, a escassez de trabalhos sobre peças semelhantes, designadamente alcatruzes, dificulta aquela tarefa.

Como bem repararam Bazzana, Climent e Montmesin (1987, 98), os alcatruzes enquadraram-se nas produções tradicionais que respondem sobretudo a aspectos funcionais, não apresentando, portanto, acentuada evolução e sendo material «totalmente insensível às variações da moda».

As oito peças de cerâmica que se conservam do poço da Hortinhola integram-se, perfeitamente, em termos funcionais no local onde foram descobertas. De facto, os dois pequenos cântaros eram utilizados no transporte e conser-

vação de água potável, podendo, dadas as suas dimensões, servirem à mesa. A sua presença no interior do poço e a sua óptima conservação conduz a pensarmos terem ali caído, ao serem cheios ou ao servirem para retirar água.

Os seis alcatruzes⁴ foram, por certo, usados para, fixados à cadeia da nora, elevar grandes quantidades de água do poço, muito presumivelmente destinada à agricultura. A pequena nora seria construída em madeira, como algumas que ainda vimos em diferentes pontos do Algarve, sendo puxada por um animal de tracção, em geral um burro.

4. A palavra portuguesa alcatruz deriva, tal como as congéneres *arcaduz*, em castelhano, e *alcaduf*, em valenciano, do árabe *al-qadus*.

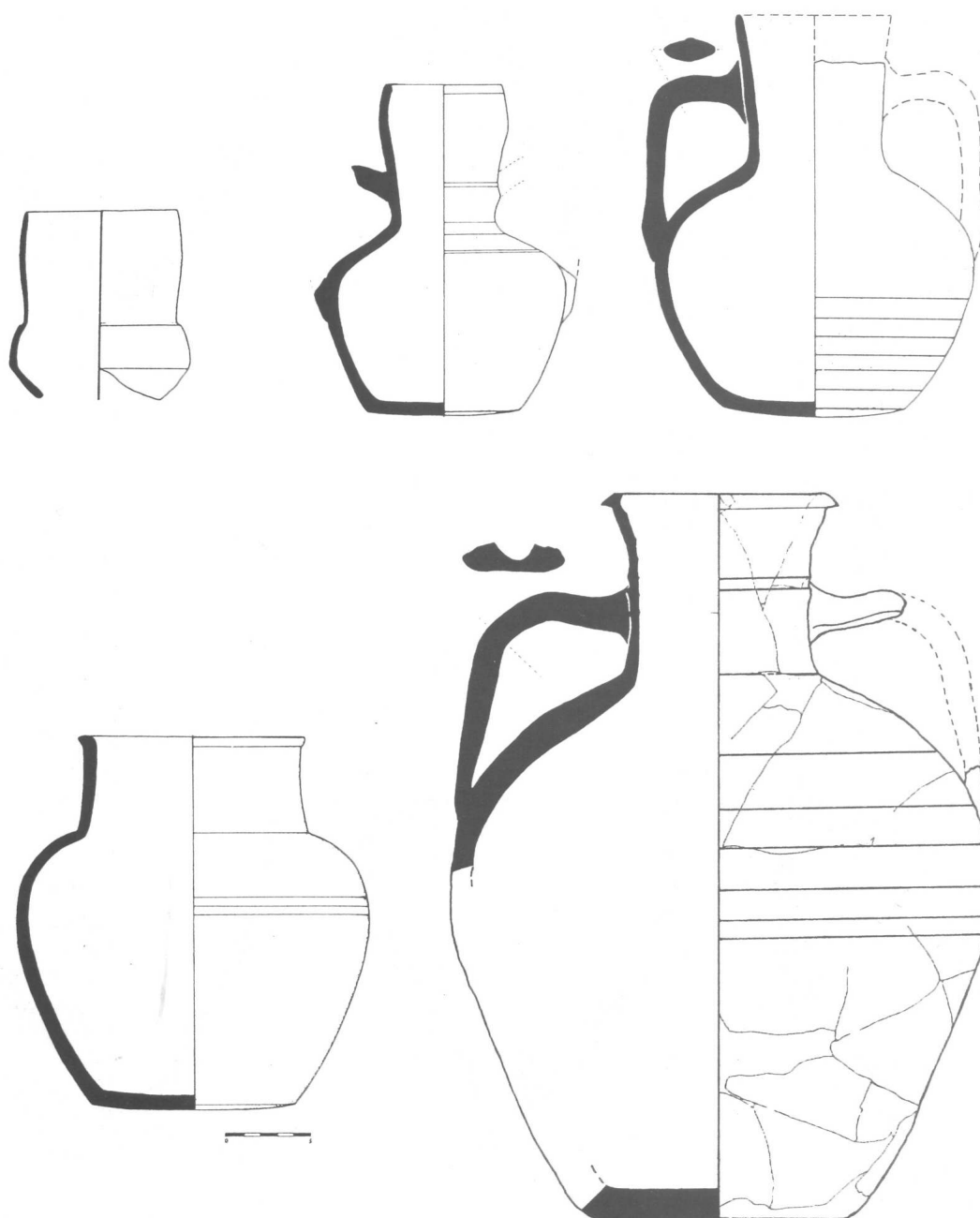


Fig. 5: Materiais do silo D7 de Vilamoura (Loulé) (seg. J. L. de Matos, 1991).

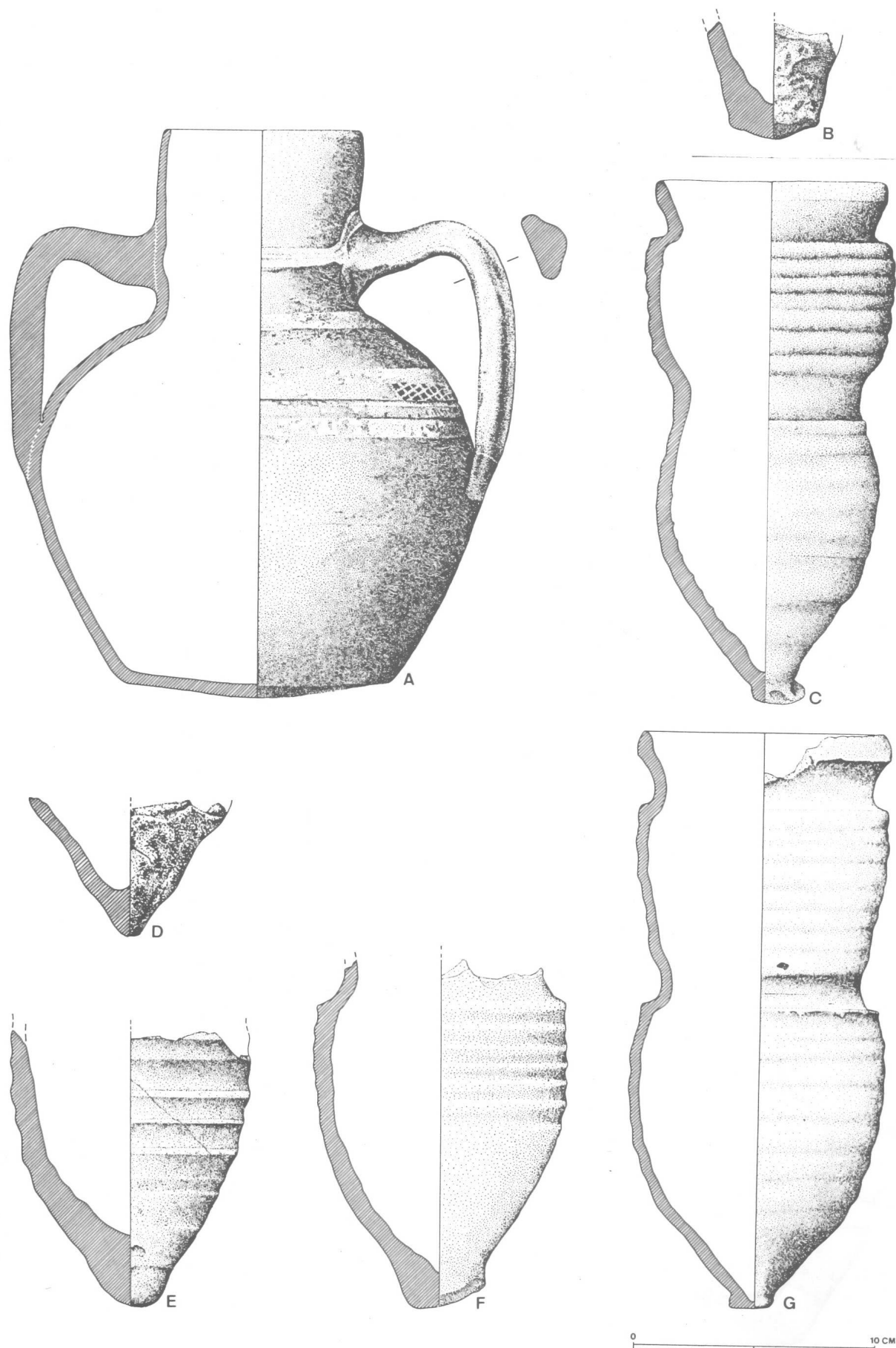


Fig. 6: A-Cântaro. Área urbana de Silves; B-Fragmento de alcatruz, Castelo de Silves (Q11/C3-4); C-Alcatruz, Castelo de Silves (Cisterna dos Cães); D-Fragmento de alcatruz, Castelo de Silves (Q28/C2-2); E-Fragmento de alcatruz, Castelo de Silves (Q87/C2); F e G, Alcatruzes do poço da Horta Grande (Silves) (des. de A. Machado).

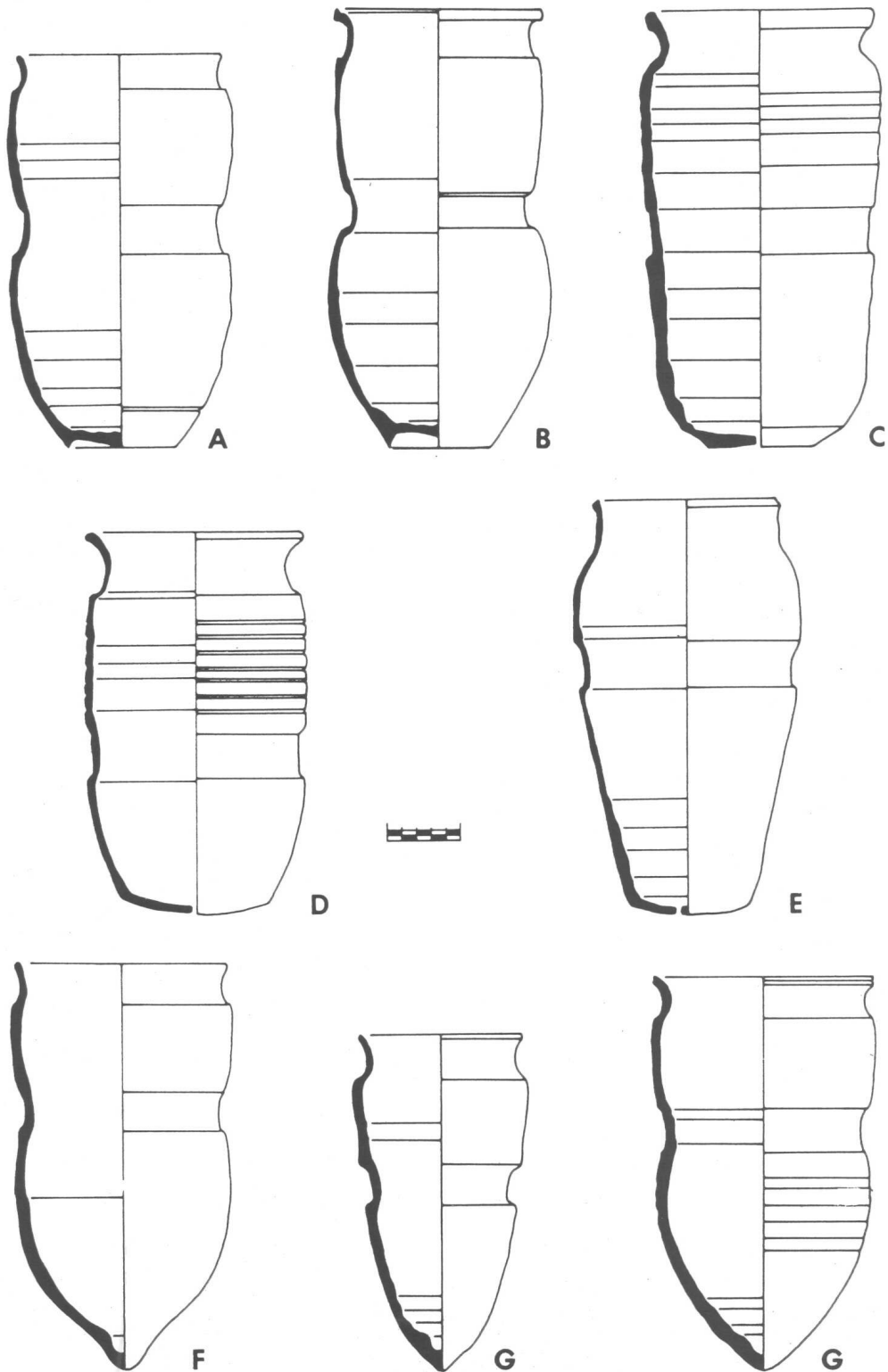


Fig. 7: Principais tipos de alcatruzes encontrados no poço de nora de Jovades (Valência) (séculos X-XV). Tipo I (A e B); tipo II (C); tipo III (D e E); tipo IV (F e G) (seg. A. Bazzana, S. Climent e Y. Montmessin, 1987, 97, fig. 42).

Apesar da afinidade das pastas, cor-de-laranja ou castanha avermelhada, com que foram produzidos, os dois cântaros oferecem formas diferentes, mostrando, o de menores dimensões, as superfícies engobadas.

Também os alcatruzes evidenciam três produções distintas. Cinco deles têm pastas e acabamentos semelhantes entre si e aos dos cântaros, embora um (HORT.7) apresente forma algo diferente.

Um outro, fabricado com pasta de cor bege amarelada (HORT.8), diferencia-se dos restantes.

Os dois cântaros pertencem a formas não muito comuns no Algarve, mas de que se conhecem exemplares em Vilamoura (Loulé) ou em Silves, nomeadamente na alcáçova e em diferentes pontos da área urbana daquela cidade.

Os paralelos com materiais de Vilamoura encontram maior expressão no espólio do silo D7, onde se associavam, entre outras peças, um grande cântaro, com bordo vertical e lábio em bisel, de forma muito parecida à do cântaro maior da Hortinhola, jarras, sendo uma delas de forma idêntica ao cântaro menor agora estudado, um pote de bordo sub-vertical alto, e um fragmento de púcaro com duas carenas no corpo, bordo cilíndrico alto, e duas asas opostas. Estas formas têm sido atribuídas, em Silves, através de testemunhos estratigráficos e de datações pelo ¹⁴C, aos séculos IX-X (Matos, 1991; Gomes, 1995, 30) (fig. 5).

As escavações no Castelo de Silves evidenciaram, em estrato do século VIII (C8), a existência de púcaros com duas carenas no corpo e bordo alto (Q3/C8-33), assim como de jarras de corpo globular achatado, com bordo alto e duas asas opostas, forma familiar à do cântaro de menores dimensões da Hortinhola (Gomes, 1988, 195). Também na área urbana daquela cidade surgiu um pequeno cântaro de forma quase idêntica ao de menores dimensões da Hortinhola, conservando restos de decoração pintada de cor branca (fig. 6-A).

Por ora o mais antigo fragmento de alcatruz encontrado em claro contexto arqueológico, no Castelo de Silves, contém a extremidade do fundo e provém da C3, atribuída ao século XII (Q11/C3-4). Trata-se de exemplar fabricado com pasta de cor bege amarelada (IOYR7/4), muito semelhante à de um dos alcatruzes da Hortinhola (HORT.8) (Gomes, 1988, 214, 215) (fig. 6-B).

Outro alcatruz que julgamos pertencer a esta mesma produção, igualmente fabricado com pasta de cor bege amarelada, bem distinta da maioria dos restantes alcatruzes exumados no Algarve, procede do profundo poço de nora existente no Castelo de Silves e conhecido sob a denominação de Cisterna dos Cães. Esta peça foi ali recolhida em 1878 por Estácio da Veiga (1889, 47), entre outras que denomina de «*excellentes alcatruzes de barro amarellado*». Ela pertence hoje às colecções do Museu Nacional de Arqueologia (14052), embora esteja depositada no Museu Municipal de Arqueologia de Silves, onde se encontra exposta. Mostra pequena dimensão e corpo muito baixo, com as duas golas habituais para prensão à cadeia da nora (fig. 6-C).

As pequenas dimensões daquele alcatruz aproximam-no de um descoberto por C. Redman (1986, 109, 112) nos níveis islâmicos de Alcácer Sequer e prendem-se com a grande profundidade do poço.

Foram recolhidos em níveis da primeira metade do século XIII do Castelo de Silves, outros fragmentos, con-

tendo porção do fundo, de alcatruzes. Um deles foi fabricado com pasta de cor vermelha (10R5/8) (Q28/C2-2), mas as suas dimensões não permitem estabelecer comparações formais com peças congêneres (Gomes, 1988, 283) (fig. 6-D). Um segundo fragmento, de maiores dimensões, contém a totalidade do fundo (Q87/C2). Foi fabricado com pasta compacta, de cor cinzenta escura a negra e oferece características caneluras na superfície exterior (fig. 6-E). Dado que não existe no recinto do Castelo outro poço para além da Cisterna dos Cães, este alcatruz deve, também, ter sido ali utilizado⁵.

O último alcatruz referido mostra fabrico e forma semelhantes à de dois outros provenientes do poço de nora da Horta Grande, propriedade agrícola localizada frente a Silves e junto ao rio Arade⁶ (fig. 6-F, G). As grandes dimensões daquela estrutura permitem pô-la em paralelo com a Cisterna dos Cães obra que a não ter sido construída no Período Almoadá foi, por certo, nele reestruturada.

No poço de nora de Jovades (Valência), descoberto em 1980 e utilizado desde finais do século X a meados do século XV, identificaram-se quatro tipos essenciais de alcatruzes (fig. 7).

Os mais antigos, dos séculos X e XI, a que se associavam dois fragmentos de taças carenadas (*ataifores*) com decoração a verde e manganés, mostravam o fundo apontado ou do tipo IV. Ulteriormente, surgiram formas com fundo convexo e perfuração central, aspecto que não se encontra patente em nenhuma das peças da Hortinhola ou dos paralelos detectados em Silves. Com aqueles descobriu-se um fragmento de candeia, de pé alto, esmaltada de cor azul turquesa, típica dos séculos XII-XIII.

O orifício para descarga da água, no fundo dos alcatruzes parece ser inovação de finais do século XI, talvez quando os poços se tornam maiores, sobretudo mais profundos, e as noras mais difíceis de manobrar.

Por fim, os alcatruzes daquela região do Levante Espanhol apresentam fundo anelar, com perfil mais ou menos convexo (tipo I) (Bazzana, Climent e Montmessin, 1987, 13, 118).

Os alcatruzes do tipo IV de Jovades são os que mais se aproximam dos da Hortinhola, com corpo cilíndrico e fundo ponteagudo. Todavia, ali não detectámos formas semelhantes. Estas surgem em Denia (Alicante), sobretudo numa peça completa que guarda o seu Museu Municipal (347.0117), quase idêntica ao alcatruz da Hortinhola hoje no Museu de Lagos (HORT.7) (Bazzana, Climent e Montmessin, 1987, 100, 101, fig. 44.5).

Podemos concluir que os dois cântaros do poço da Hortinhola e os quatro alcatruzes de menores dimensões podem, a partir dos paralelos enunciados, ser datados nos séculos IX-X. Por outro lado, o alcatruz produzido com pasta de cor bege amarelada, com dois paralelos em Silves, deve ser atribuído ao século XII. Apesar da grande

5. Agradecemos à Dra Rosa Varela Gomes ter-nos facultado estes materiais inéditos, procedentes das suas escavações no Castelo de Silves.

6. Os alcatruzes da Horta Grande foram oferecidos ao Museu Municipal de Arqueologia de Silves pelo Presidente da Câmara daquela cidade, José António Correia Viola, ali se encontrando em exposição.

semelhança formal entre um dos alcatruzes da Hortinhola e o de Denia, não nos é possível, no estado actual dos nossos conhecimentos, conferir cronologia àquela peça. Apenas a sua forma apontada sugere datação antiga, talvez em torno do século X.

BIBLIOGRAFIA

- BAZZANA, A., Climent; S., e Montmenssin, Y., 1987, *El Yacimiento Medieval de «Les Jovades» – Oliva (Valencia)*, Ayuntamiento de Oliva, 131 pp., 71 figs, Oliva.
- GOMES, R. V., 1988, *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, Xelb*, vol. 1, 294 pp.
- 1995, *Cerâmicas muçulmanas, de Silves, dos séculos VIII e IX, Actas das 1as Jornadas de Cerâmicas Medieval e Pós-Medieval*, pp. 19-32, Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- MARQUES, T., 1995, *Carta Arqueológica de Portugal*, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 314 pp., Lisboa
- MASCARENHAS, J. F., 1945, *Achados arqueológicos sobre a vida agrícola dos árabes no Algarve, Povo Algarvio*, nº 595, p. 2.
- 1967, *Elementos de Arqueologia sobre o Algarve (dos Romanos aos Árabes, na Zona Central da Província)*, Tipografia do Povo Algarvio, 68 pp., 13 figs, Tavira.
- MATOS, J. L. de, 1991, *Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 429-456, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- NOBRE, A., 1974, *O Termo de Olhão*, Edição do Autor, 44 pp., Olhão.
- REDMAN, C. L., *Qsar es-Seghir. An Archaeological View of Medieval Life*, Academic Press, 259 pp., London.
- VEIGA, S. P. M. E. da, 1889, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. III, Imprensa Nacional, 394 pp., XVII ests, Lisboa.
- VIANA, A., Formosinho, J., e Ferreira, O. da V., 1953, *De lo prerromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos, Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXVI, pp. 113-138, VIII ests.